

CENÁRIOS DE BELEZA COMO PORTAIS UTOPISTAS PARA RE-PENSAR A EDUCAÇÃO PELA ARTE RENASCENTISTA

Euripa Aparecida Ribeiro de Alcântara¹

Flaviane dos Santos Malaquias²

Thiago Henrique Barnabé Corrêa³

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão poética-crítica-analítica a partir de um estudo sobre a arte renascentista e suas implicações na educação contemporânea, levando em consideração os ideais estéticos e pedagógicos, averiguando em que medida os ideais renascentistas-humanistas dos séculos XIV, XV e XVI motivam e inspiram práticas pedagógicas mais estéticas, sensíveis e emancipadoras no cotidiano escolar. Pautados na metodologia qualitativa, de base hermenêutica e narrativa, fundamentados pelas leituras filosóficas, sensibilizados por grandes pensadores como, Nicolau Sevcenko, Giorgio Agamben, entre outros, propõe-se uma análise das obras de Leonardo da Vinci, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, Giotto di Bondone e Rafael Sanzio, ícones do ideal do *Homo universalis*, com o objetivo de investigar de que modo a escola do século XXI pode ressignificar o projeto formativo renascentista, articulando dimensões técnicas, criativas e humanistas. Conclui-se que a forte influência da arte renascentista reverbera na história da cultura, recupera os ecos do Renascimento sinalizando princípios para uma pedagogia da sensibilidade, da presença e da esperança.

Palavras-chave: Estética; Educação Contemporânea; Sensibilidade; Renascimento.

SCENES OF BEAUTY AS UTOPIAN PORTALS TO RE-THINK EDUCATION THROUGH RENAISSANCE ART

Abstract: This article proposes a poetic-critical-analytical reflection based on a study of Renaissance art and its implications for contemporary education. By examining aesthetic and pedagogical ideals, it investigates to what extent the humanist principles of the 14th, 15th, and 16th centuries inspire and motivate more aesthetic, sensitive, and emancipatory pedagogical practices in today's schools. Grounded in qualitative methodology, with a hermeneutic and narrative approach,

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestra em Educação pela mesma universidade. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3542553064020368>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4691-4329>. E-mail: euripa@prof.cnsd.com.br

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestra em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1438078381468685>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9424-7252>. E-mail: flaviane.malaquias@gmail.com

³ Doutor em Ciência pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio pós-doutoral em Educação pela Universidade de Sorocaba. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/UFTM). Diretor do Departamento de Desenvolvimento Cultural da UFTM. Líder do Grupo de Pesquisa 'Perspectiva Ecologista de Educação' (CNPq/UFTM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4448159104632472>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7123-1074>. E-mail: correa.uftm@gmail.com

and informed by philosophical readings and key thinkers such as Nicolau Sevcenko, Giorgio Agamben, among others, the study analyzes the works of Leonardo da Vinci, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, Giotto di Bondone, and Raphael Sanzio, icons of the *Homo universalis* ideal, to investigate how 21st-century schools can reinterpret the Renaissance educational project by integrating technical, creative, and humanist dimensions. The conclusion highlights the enduring influence of Renaissance art in cultural history, reviving echoes of the Renaissance to propose principles for a pedagogy of sensitivity, presence, and hope.

Keywords: Aesthetics; Contemporary Education; Sensitivity; Renaissance.

ESCENARIOS DE BELLEZA COMO PORTALES UTOPISTAS PARA RE-PENSAR LA EDUCACIÓN A TRAVÉS DEL ARTE RENACENTISTA

Resumen: Este artículo propone una reflexión poético-crítico-analítica a partir de un estudio sobre el arte renacentista y sus implicaciones en la educación contemporánea, considerando los ideales estéticos y pedagógicos. Se examina en qué medida los ideales renacentistas-humanistas de los siglos XIV, XV y XVI motivan e inspiran prácticas pedagógicas más estéticas, sensibles y emancipadoras en el cotidiano escolar. Basados en una metodología cualitativa de enfoque hermenéutico-narrativo, y fundamentados en lecturas filosóficas de pensadores como Nicolau Sevcenko, Giorgio Agamben, entre otros, se propone un análisis de las obras de Leonardo da Vinci, Miguel Ángel Buonarroti, Giotto di Bondone y Rafael Sanzio, iconos del ideal del *Homo universalis*, con el objetivo de investigar cómo la escuela del siglo XXI puede resignificar el proyecto formativo renacentista, articulando dimensiones técnicas, creativas y humanistas. Se concluye que la fuerte influencia del arte renacentista reverbera en la historia de la cultura, recuperando ecos del Renacimiento para señalar principios hacia una pedagogía de la sensibilidad, la presencia y la esperanza.

Palabras clave: Estética; Educación Contemporánea; Sensibilidad; Renacimiento.

Introdução

Em um exercício de arqueologia do saber que interroga o passado para iluminar desafios da educação contemporânea, o Renascimento emerge não como mero objeto de estudo histórico, mas como paradigma dinâmico para a reflexão sobre a formação humana no âmbito escolar. Marcado pelo humanismo, esse período oferece fundamentos essenciais para uma pedagogia que articula dimensões técnicas e criativas, com o propósito de promover uma formação integral do sujeito.

O legado renascentista, em especial sua defesa da *paideia*⁴ artística como caminho privilegiado para a compreensão da condição humana, configura-se como locus fundamental para a discussão sobre formação integral - estética, ética e política - na educação atual. A crença característica desse período no domínio das artes liberais enquanto mecanismo de autonomia intelectual e *autopoiese* do sujeito (Garin, 1994) se mantém profundamente relevante em uma era marcada pela crescente instrumentalização do conhecimento.

Neste estudo, propomos uma análise das obras de Leonardo da Vinci, Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, Giotto di Bondone e Rafael Sanzio não como meros objetos históricos, mas como portais de um projeto formativo que a escola do século XXI pode resignificar. Esses artistas exemplificam o ideal do *Homo Universalis* por integrarem múltiplas dimensões do conhecimento e

⁴ Refere-se a uma educação que busca a formação integral da pessoa, utilizando a arte como ferramenta essencial para o desenvolvimento humano.

da criação artística, refletindo uma busca pela excelência técnica, criativa e humanista. Apesar de preceder o auge do Renascimento, Giotto destacou-se por integrar o humano e o divino em sua arte, antecipando princípios que culminariam no ideal renascentista do homem universal.

No presente artigo, propomos refletir a educação contemporânea como ambiente de (re)invenção, utopia⁵, beleza⁶ e transformação, como linguagem viva, por meio de uma travessia poética-crítica pelas trilhas da arte renascentista, ainda que por vezes serenamente, pelos quatro S (esses): sentido, significado, sensibilidade e sensatez, sem perder de vista um educar que alcance a pluralidade de sujeitos que compõe os ambientes escolares. A hipótese que orienta nossa reflexão é que essa releitura pedagógica exige não apenas uma mediação didática, mas uma hermenêutica crítica (Ricoeur, 1990) que problematize os ideais renascentistas à luz das contradições da pós-modernidade.

A Urgência Estética na Educação: o (re)nascimento de um horizonte formativo

De acordo com Sevcenko (2001), a história nunca se reduz a meros registros cronológicos ou representações estáticas preservadas em documentos; ela se faz presente como um convite permanente ao diálogo crítico com as experiências humanas que transcendem seu tempo. Em outras palavras, a história ganha vida e se atualiza na medida em que dialogamos criticamente com suas reverberações no cotidiano. Essa percepção se mostra particularmente fértil quando voltamos nosso olhar para o Renascimento, período em que a crença no poder formativo da arte estabeleceu-se como um dos pilares para a compreensão da (cri)atividade humana enquanto processo de form(ação). Como ressalta Gadamer (2000), o entendimento histórico é sempre um processo dialógico entre o passado e o presente, o que reforça a importância de revisitar o Renascimento para iluminar os desafios educacionais atuais.

Conforme ressalta Ruy Afonso da Costa Nunes (2006), o Renascimento inaugurou uma nova visão antropocêntrica que coloca o ser humano no centro do conhecimento e da cultura, defendendo a educação como processo de cultivo da humanidade em sua complexidade. No entanto, essa centralidade do homem tem sido objeto de críticas que apontam para os limites e riscos do antropocentrismo, especialmente no que tange à sua tendência a enaltecer o ser humano como senhor absoluto da natureza - dualismo entre homem e natureza -, o que contribuiu para uma relação exploratória e predatória com o meio ambiente (Fontes, 2017; Latour, 2014).

Fontes (2017) destaca que, embora o humanismo renascentista tenha promovido a valorização do indivíduo e da razão, pensadores como Blaise Pascal e Giacomo Leopardi já criticavam a visão que enaltece o homem como centro do universo, ressaltando sua finitude, limitações cognitivas e insignificância diante da vastidão do cosmos. Essa crítica não invalida a importância da educação renascentista, mas convida a uma reflexão mais crítica e humilde sobre o papel do ser humano, reconhecendo seus limites e a necessidade de uma ética que contemple a interdependência com a natureza.

Assim, a crítica ao antropocentrismo renascentista não anula seu legado educativo, mas aponta para a necessidade de ressignificá-lo à luz dos desafios contemporâneos, incorporando uma visão mais ampla e ética que reconheça a interdependência entre humanos, natureza e demais formas de vida,

⁵ Concebemos utopia a partir da perspectiva freireana, como: modo de estar-sendo-no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de ‘projetar’, lançar-se adiante, buscar (Felipe, 1979).

⁶ No contexto renascentista, a beleza não se restringia à estética formal, mas era entendida como harmonia entre saber, virtude e criação, inspirada nos ideais clássicos e na valorização do humano. Na educação contemporânea, resgatamos essa noção como um convite à experiência sensível.

sem perder de vista o desenvolvimento da autonomia intelectual e da sensibilidade moral que caracterizam a tradição humanista (Nunes, 2006; Ricoeur, 1990).

Vivemos um momento histórico em que a educação, pressionada por demandas tecnocráticas e imediatistas, vê-se ameaçada em sua capacidade de promover experiências significativas de aprendizagem. É nesse contexto que a retomada dos princípios pedagógicos implícitos na arte renascentista adquire especial relevância. Ao revisitarmos os séculos XIV ao XVI - do Trecento ao Cinquecento - não buscamos uma mera reconstituição histórica, mas sim a identificação de elementos que possam inspirar novas formas de pensar a prática educativa de hoje, ressignificadas aos contextos plurais, sem perder de vista uma educação com olhares não positivistas, mas progressista. Ressignificar a arte renascentista neste contexto é assumir que o professor enquanto mediador do processo educativo forneça, conforme traz Barbosa (2002), um conhecimento sobre a cultura local, bem como, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações.

A análise que desenvolvemos estrutura-se em três eixos complementares: primeiro, reconsideramos os princípios dos/das (uto)pistas renascentistas para repensar a educação como projeto coletivo de humanidade; em seguida, estabelecemos diálogos entre os diferentes períodos do Renascimento italiano e os desafios contemporâneos da educação; e por fim, propomos uma leitura da escola como espaço de descoberta e reinvenção existencial, onde se experiencia a arte de “vi-ver”. A hifenização “vi-ver” é utilizada neste artigo para destacar visualmente e semanticamente duas dimensões da palavra: tanto a arte de *viver* (experienciar, criar, transformar) quanto a arte de *ver* (observar, refletir, interpretar).

O que emerge desse exercício é a constatação de que a arte renascentista nos oferece um rico vocabulário simbólico para repensar a formação humana. Um repertório de dúvidas, escutas e olhares que ressignificam o ato educativo como experiência artística compartilhada. Diante do pragmatismo e da fragmentação que caracterizam nosso tempo, torna-se urgente recuperar a dimensão sensível do conhecimento e da prática pedagógica. Nessa perspectiva, a contribuição do Renascimento reside principalmente em sua capacidade de nos inspirar a transformar o cotidiano escolar em território de experiência estética. Em seu livro, “*Homo Aestheticus: Where Art Comes from and Why*”, Dissanayake (1995) destaca que a arte e a experiência estética são fundamentais para a construção do sentido humano, reforçando a importância dessa dimensão na educação.

Sobre a experiência estética, Duarte Jr. (1988) considera que o belo não é propriedade dos objetos. Pode-se pensar que a beleza resida exclusivamente em nossa mente, pois a obra em sua subjetividade se constitui da experiência pessoal do artista e de seu sentir-se no mundo, e o espectador assimila seu conhecimento a partir de sua relação e envolvimento com a obra que é o objeto estético. Desta relação da experiência do observador com o objeto estético, munido de seu repertório é desencadeada a experiência estética.

Tempos hodiernos, marcados pelo que poderíamos chamar de “ditadura do pragmatismo”, pela fragmentação do conhecimento e pela aceleração desenfreada dos processos educativos, nos colocam diante de um paradoxo: como resgatar a dimensão estética e ética da educação em um contexto que privilegia cada vez mais a técnica e os resultados imediatos? A escola do século XXI, e com ela, a docência, parece ter perdido sua capacidade de maravilhamento (Vanti; Plaszewski, 2024). Diante desse cenário, torna-se imperativo recuperar o papel da sensibilidade e da experiência estética como eixos estruturantes do processo de ensino e aprendizagem, uma necessidade que encontra eco nas lições do Renascimento. Biesta (2010) alerta para os riscos de uma educação voltada exclusivamente para a eficiência e resultados mensuráveis, defendendo uma pedagogia que valorize o sentido e a experiência estética.

O movimento renascentista, como bem demonstra Garin (2007) em seu estudo sobre educação humanista, oferece-nos um repertório simbólico privilegiado para repensar a formação humana em sua totalidade. Não por acaso, os trabalhos de Kemp (2022), Gombrich (2019), Burke (1986) nos auxiliam a formular a ideia de uma ‘pedagogia do sensível’, destacando como os artistas do período

- de Leonardo da Vinci a Michelangelo - compreendiam o processo criativo como uma integração harmônica entre mente, corpo e espírito, antecipando em séculos o que a neurociência contemporânea só recentemente começou a desvendar (Damásio, 2018). Essa visão integral se manifesta no que poderíamos chamar de "pedagogia renascentista", um conjunto de práticas que valorizavam a dúvida, a escuta atenta, o olhar cuidadoso e a intuição como elementos fundamentais do ato educativo. Maxine Greene (1995) complementa essa perspectiva ao enfatizar a importância da imaginação e da sensibilidade na educação estética.

Ao analisarmos a crítica cultural de Sevcenko à luz dos estudos mais recentes sobre educação estética (Sevcenko, 2021; Duarte Jr., 2001), buscamos demonstrar como o pensamento renascentista pode inspirar novas formas de ser e estar na educação, iluminando caminhos para uma pedagogia da sensibilidade em tempos de padronização educacional.

A arte do Renascimento não nos fala apenas sobre o passado, mas oferece chaves para compreendermos as limitações do presente e, com isso, imaginarmos futuros possíveis para a educação. Num período marcado pela ascensão da burguesia, refletir sobre a arte renascentista implica reconhecer seu paradoxo histórico: enquanto celebrava o humano e o belo, também reproduzia hierarquias sociais e exclusões. Esse legado complexo desafia os educadores hoje a não apenas valorizar sua estética e inovação, mas a problematizar seus limites, democratizando o acesso à arte e à cultura.

Se o Renascimento nos legou a potência de uma arte que (mesmo em suas contradições) ousou repensar o humano, cabe à educação contemporânea resgatar esse espírito criativo para construir uma educação sensível, que dialogue com múltiplas tradições e evite a glorificação acrítica de um modelo vinculado ao poder e ao belo que só é encontrado no norte global. Afinal, se a escola de hoje muitas vezes sucumbe à lógica funcionalista, reduzindo-se a rotinas burocráticas, é justamente na reinvenção do espaço escolar como território de experiência estética que encontramos um antídoto - um "canteiro em processo", onde educadores e educandos possam cooperar na construção de saberes significativos.

Impelidos a pensar a relação currículo, arte e sensibilidade (Barbosa; Rocha, 2009), somos levados às seguintes questões: como devolver à educação seu estatuto artístico? Como transformar a sala de aula em espaço de invenção, descoberta e emancipação, e não apenas de reprodução? Essas interrogações nos remetem à essência do que significa educar: um ato que, como lembrava Freire e Shor (1986), é antes de tudo político e estético.

Arte, Experiência e Utopia como Fundamentos de uma Pedagogia Sensível

Em sua obra "*O Renascimento*" (2001), Nicolau Sevcenko, explica a ascendência desse período como uma fístula de abertura do conhecimento humano à sua própria profundidade e à sua autonomia criadora. Esse autor entende o Renascimento como um território de imaginação, disputas, invenções, que ainda reverberam no presente, um arquipélago de experiências onde é possível presenciar tensão entre sensibilidade e razão, imaginação e técnica, ciência e fé.

Sevcenko destaca a eclosão da criatividade daquela época ligada aos deslocamentos de centros, à desestabilização de dogmas e à emergência de indivíduos que atreveram-se imaginar outras formas de existir e de representar o real. Fica evidente que esse descortinar possibilita a compreensão da arte daquele tempo como profundamente pedagógica, no sentido de manifestar um novo olhar, mais centrado na dignidade humana, na liberdade do indivíduo, mais humanizado.

Dialogando com outros autores, encontramos a obra *Arte como experiência* (1934), onde John Dewey contesta a ideia da arte como objeto sacralizado e distante, em contrapartida propõe-a como acontecimento cotidiano, intrínseco da vida. Ele defende que a educação necessita ser atravessada pela dimensão estética, onde se dá a real compreensão do mundo, e que educação é oportunizar

experiências significativas envolvendo o corpo, a imaginação e a emoção como acontece com a nossa transformação ao contemplarmos uma obra de arte.

Outra contribuição vem de Walter Benjamin (1994), no campo da estética crítica, com a sua noção de experiência como resistência à massificação. Para ele, a arte é capaz de abrir fissuras e criar rupturas no cotidiano diante de situações aparentemente banais. A fissura pedagógica provoca, desperta, convoca a abster-se de tudo o que converge em repetição e protocolos, a planejar, executar a aula como uma experiência estética como modo de encantar e escapar do desprazer da automatização.

Como alicerce teórico, contamos com Herbert Read, em “*Educação pela Arte*” (1943), que afirma a arte como sendo linguagem original da humanidade e merece estar no núcleo de qualquer programa educativo. Para ele, a formação estética antecede e dá suporte à formação intelectual e moral, porque por meio da arte o ser humano aprende a perceber, a sentir e a organizar a desordem da experiência. Mais ainda, defende que uma educação sem arte é uma limitação do homem.

Somamos os ecos dos (uto)pistas renascentistas, vozes como Campanella Tommaso e Thomas Morus que idealizaram mundos onde a educação era o coração das relações sociais e o saber, condição da liberdade, as utopias oferecem um horizonte de crítica e sonho que ainda repercute no fazer docente contemporâneo como criar comunidades de criação, de liberdade e de cuidado.

A Plenitude do Alto Renascimento: do Trecento ao Cinquecento

Enquanto linha imaginária, a utopia coloniza o adorno da estética e da razão. Campanella, com a obra *A Cidade do Sol* (1602), e Thomas Morus, em *Utopia* (1516), sugeriram modelos de sociedade que destacavam o saber como componente da edificação coletiva da justiça e da felicidade. Ambas, as narrativas, lidam como metáforas pedagógicas indicando para uma educação que tem o privilégio do saber vivido, analisado, discutido e compartilhado.

Fragmentada por métricas e índices, a escola atual, carece da utopia desativada como meio de reencantar-se, ou seja, em algum momento, paramos de acreditar que a escola pode ser um espaço de transformação profunda, de beleza, de invenção do novo. Essa utopia, se reativada, poderia reencantar a escola: torná-la novamente um lugar de sentido, de afeto, de esperança. Em nossos planejamentos, projetos, aulas, que lugar o sonho ocupa? E a imaginação na formação integral dos indivíduos? É hora de repensar.

Giotto: o precursor do Renascimento

Século XIV - Trecento: época em que a arte ainda abarcava traços medievais, tatuada pela verticalidade hierática e pela função catequética, surge uma nova sensibilidade que anunciava um novo tempo, o de despertar do olhar. A tentativa de captar a tridimensionalidade, introduziu o drama humano e a emoção dos corpos surgia com mestres como Giotto di Bondone (c.1267-1337), sinal de que a escola deve enxergar o aluno em sua tridimensionalidade, ou seja, corpo, alma, razão. Em suas artes, Giotto pinta o silêncio e o gesto, dá à espiritualidade, a carne, redesenha um mundo possível. Sevcenko (2001), afirma que o que está em jogo aqui é a reinvenção do espaço narrativo, onde o humano se torna centro de anúncio e experiência. Surge uma inovação no modo de interpretar, de contar e de ver, o que não pode faltar na educação.

A obra *Adoração dos Magos* (figura 1), de Giotto, explicita em seu gênero religioso suas potencialidades técnicas para o contexto daquela época, que se diferencia da arte bizantina, por trazer o tema religioso acrescido de valores formais mais naturalistas e harmônicos, e melhores

proporções das figuras na medida em que se inicia o desenvolvimento da perspectiva. Neste sentido, seus afrescos apresentam novas formas de ver a vida pela realidade da pintura.

A partir da experiência do artista, é possível observar e perceber nuances no educar, pelo gesto, pela mudança nas formas de ver, pela nova habilidade de agir perante a percepção⁷ do olhar, pois é necessário ensinar a olhar ‘para enxergar’. Ver o aluno como protagonista em cena, é recuperar o Trecento, como um ato de inovação, reinvenção e delicadeza.



Figura 1: Giotto di Bondone, Adorazione dei Magi, Proto Rinascimento, Capela Scrovegni (Arena) Padua, 200cm x 185 cm, c.1304 - c.1306.

Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/giotto-di-bondone/adoration-of-the-magi-1306>

Leonardo: o gênio do inacabado, da observação insaciável e do caderno das infinitas anotações

Século XV - Quattrocento: Florescimento do humanismo com a marcante presença de arquitetos, escultores, pintores, entre eles, Piero Della Francesca, Brunelleschi, Donatello, Masaccio, Leon Battista Alberti, mais tarde Botticelli e Leonardo da Vinci, que fizeram da perspectiva linear, da geometria, e da simetria, a idealização do corpo como medida do cosmos, a organização do mundo fazendo a razão encontrar a sua forma. Há uma expansão da ciência, do olhar e da consciência do mundo, marcada pela redescoberta da antiguidade clássica, pela valorização da experiência sensível e pela crença no poder do homem de compreender, de representar e ordenar a realidade. Hoje, o que muito nos falta é o ensino de articular saberes, enxergar o todo, dar lugar ao contexto, é urgente recuperar essas perspectivas.

Neste período o homem é visto como o centro do universo, independente do divino, considerado construtor do real. Não nega a fé, mas reage como instrumento de criação e compreensão integrada do mundo. É o homo faber, o homo aestheticus, o construtor da beleza.

⁷ Entendemos aqui a percepção não apenas como faculdade cognitiva, mas como processo corpóreo-afetivo que transforma e é transformado pela experiência de vida, ou seja, aquilo que toca, desloca e ressignifica o sujeito em sua relação com o mundo. Inspiramos-nos em Merleau-Ponty (1999) para pensar a percepção como dimensão encarnada do conhecimento, onde sensibilidade e interpretação se entrelaçam.

Com intenção de representar a natureza puramente em seus conceitos matemáticos, a obra *Homem Vitruviano* (Figura 2) de Leonardo da Vinci (1452-1519), contempla a arte, ciência e matemática num simbolismo de perfeição e harmonia, que se alinham às proporções do corpo num ideal de busca pela perfeição da figura humana pela proporcionalidade. Esta obra é inspirada na obra do arquiteto romano Vitruvius, que estudava proporções do corpo aplicadas à arquitetura. A imagem do corpo de braços abertos, em seus aspectos formais, está circunscrita num círculo e num quadrado em duas posições diferentes, que reforçam os conceitos matemáticos de proporção e simetria presentes na figura humana.

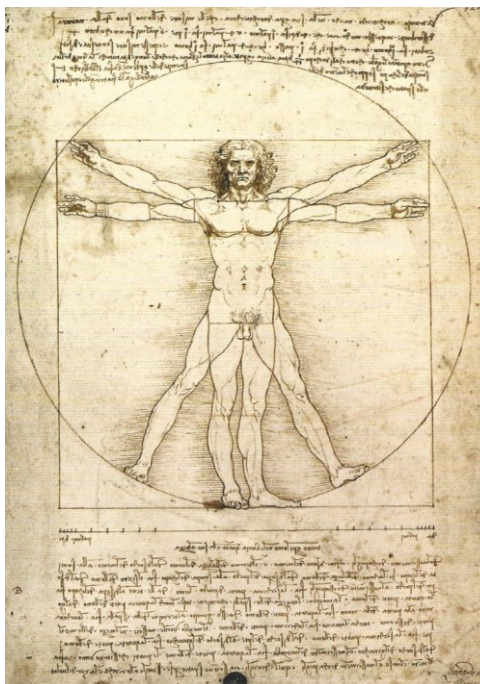


Figura 2: Leonardo da Vinci, *Homem Vitruviano*, Galeria da Academia de Veneza, lápis e tinta sob papel, 34cm x 24cm, 1490.

Fonte: <https://museumitico.com.br/departamento/o-homem-vitruviano-leonardo-da-vinci-galeria-da-academia-veneza/>

Com a sua afetação na racionalidade estética, o Quattrocento se permite incentivar práticas pedagógicas inovadoras que valorizem a composição do saber como arte e poética, na medida em que obras como a supracitada trazem consciência ao educando sobre seu ser/estar no mundo, quando este passa a perceber a racionalidade de seu próprio corpo, e que a consciência dos conceitos aplicados ao seu corpo é conhecimento científico também pela arte. Estimular o estudante a observar, gera percepção corporal e visual, assim percebe a proporção de cada parte que compõe seu corpo em relação às outras partes, tendo a possibilidade de se compreender no espaço em que habita em relação aos outros seres que com ele coexistem. Com esse pensamento, a educação é intimada a ser espaço de composição, abolindo a reprodução, para ações educativas inovadoras e inventivas.

Michelangelo e Rafael: potenciais do ideal

Século XVI - Cinquecento: A sensatez do (Re)nascimento desabrocha elevando ao seu ápice e à sua crise. Com Michelangelo Buonarroti (1475-1564), o escultor da dor e da potência contida, e Rafael Sanzio (1483-1520), o arquétipo da harmonia ideal, revela-se a tensão entre o conflito e o ideal, a intensidade e a forma, a angústia e a técnica. A arte como resumo da intuição, da ciência, do

racional e do sensível, sinalizando que na educação o corpo precisa ser desenvolvido como um inteiro: ética, expressão, técnica e sensibilidade.

No cenário histórico, o Cinquecento é o divisor de águas com o início das fraturas, ou seja, o desencanto com as promessas acentuadas pela razão, as guerras religiosas e a cisma protestante. A resposta da arte é com introspecção e dramatismo.

No majestoso teto da Capela Sistina, encontra-se uma das obras mais icônicas de Michelangelo Buonarroti, legado artístico do Cinquecento que narra, em nove painéis afrescados, episódios do Gênesis, desde a criação da humanidade até o advento escatológico do juízo final. Dentre essas cenas, destaca-se *A Separação da Luz e das Trevas* (Figura 3), fragmento em que Michelangelo representa Deus como uma figura centralizada, envolto em movimento dinâmico e criativo. Com gestos vigorosos, o Criador divide o cosmos, estabelecendo a dualidade primordial entre dia e noite, em um ciclo temporal que simboliza o início de todas as coisas.



Figura 3: Michelangelo Buonarroti, *A separação da Luz e das Trevas* (Fragmento do Teto da Capela Sistina), afresco, 180cm x 260cm. Capela Sistina, 1508-1512.

Fonte: <https://medicineisart.blogspot.com/2010/11/teto-da-capela-sistina-estrutura.html>

Como observa Gombrich (2019), a representação michelangelesca evidencia a onipotência divina, traduzindo-a em formas que transcendem a mera ilustração bíblica. Essa cena inaugural não apenas abre a narrativa pictórica da criação, mas também sintetiza o ethos da obra: a fusão entre o humano e o sublime. Complementando a composição, os escudos decorativos que emolduram os painéis funcionam como marcos simbólicos, aludindo a passagens históricas e teológicas que permeiam os nove episódios.

É importante relembrar que apesar da temática bíblica e seus simbolismos, as representações do renascimento trazem elementos racionais presentes na filosofia do humanismo. A exemplo disso, a imagem exhibe quatro figuras de jovens desnudos, chamados de *ignudi*, nome adotado pelo próprio artista, que são figuras não-bíblicas que sustentam as cenas. Essas figuras circundam a imagem central. Esta fusão demonstra a ideia da teologia somada aos ideais humanistas e antropocêntricos do renascimento, que atribui a representação ao potencial de beleza. Isso se torna uma reunião de elementos artísticos numa somatória da via católica que traz à tona a imperfeição do homem pecador, e humanista que demonstra o belo na figura humana, de forma harmonizada nas imagens.

No contexto educativo a obra pode ser utilizada numa reflexão metafórica sobre a separação da luz e trevas num simbolismo da clareza e do caos; onde ter clareza e conhecimento sobre algo leva o estudante a ter consciência de fatos e sair da escuridão e do caos da ignorância por meios sensíveis e articulados pela educação através da arte, num ciclo natural e potencializador de aprendizagens, advindas das experiências cotidianas e das experiências provocadas pelo cotidiano escolar.

Já na obra *O casamento da Virgem* (Figura 4), de Rafael Sanzio (1483-1520), a imagem é apresentada em quatro momentos para que seja observada a lógica da perspectiva linear. Encomendada pela família Albizzini para a capela de São José na igreja de São Francisco em Città di Castello, a obra em questão delinea a narrativa do casamento da virgem Maria e de José, localizados ao centro, trajados com indumentária romana da época, acompanhados da figura do Sumo sacerdote que realiza a cerimônia. A obra está dividida em dois planos. Em primeiro plano se encontra o grupo de participantes da cerimônia, e em segundo plano uma arquitetura da cidade natal de Rafael. Na porta do templo se encontra o “ponto de fuga”, de onde emergem as linhas da pintura, e com elas a sensação de profundidade típica da técnica de perspectiva. Em última instância a figura mostra retângulos azuis que não fazem parte da obra, mas que traduzem a ideia de proporção presente na composição.

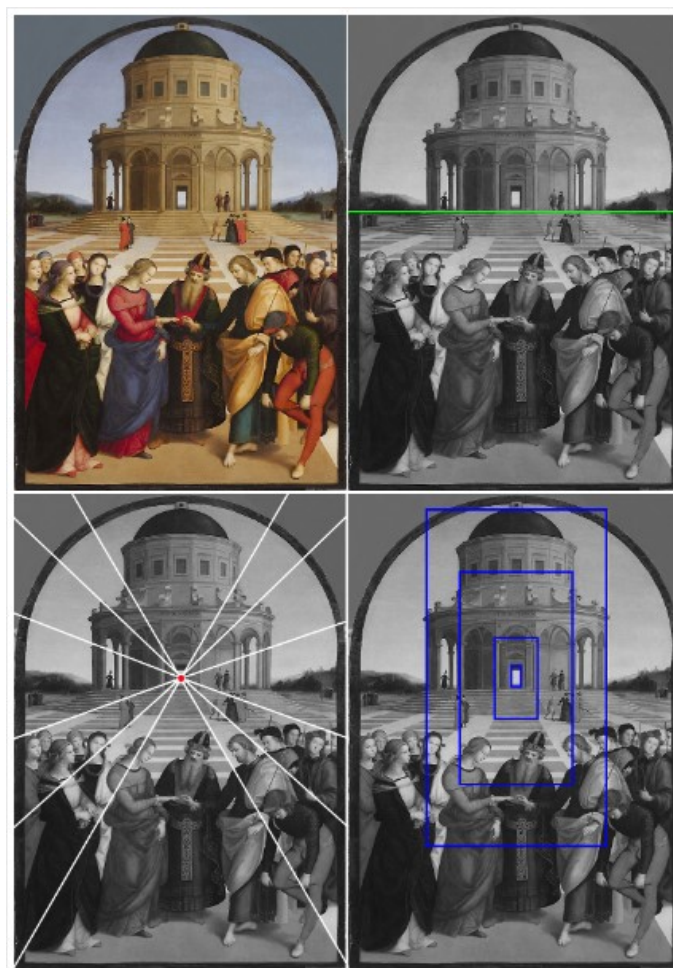


Figura 4: Rafael Sanzio, *O casamento da Virgem*, óleo sob madeira, 170cm x 117cm, Pinacoteca de Brera, Milão, 1504.

Fonte: <https://iessonferrerdghaboix.blogspot.com/2017/05/el-artista-italiano-rafael-sanzio-1483.html>

Ensinar a técnica da perspectiva para estudantes que nunca alcançaram esta percepção visual é mais que abrir caminhos para adquirir habilidades e competências, é ampliar seu repertório visual, onde

seu olhar é expandido num novo campo de descobertas sensoriais e sensíveis por meio da observação e da prática artística como campo de conhecimento.

Renascendo a Educação

Os séculos XIV, XV e XVI marcaram a transição de uma era medieval para um novo horizonte de sensibilidade e pensamento. O Renascimento foi um movimento histórico que revelou um gesto renovado de mundo, centrado na redescoberta do homem como medida da arte, do pensamento e da beleza como linguagem sensível. Os artistas-humanistas da época não apenas criaram obras, mas projetaram uma nova epistemologia do olhar, um modo inovador de habitar o mundo. A arte renascentista, assim, propunha aprender a ver para aprender a pensar.

Na contemporaneidade, ao buscarmos uma educação transformadora, estética e emancipadora, torna-se inevitável questionar onde está o Renascimento em nossos cotidianos escolares? Os ideais renascentistas-humanistas permanecem como um convite para resgatar a dimensão estética da experiência escolar, na perspectiva de encará-la como uma potência de existência. Educar, afinal, é também organizar esse olhar, dar forma ao pensamento e ativar o sensível. Nessa ótica, o Renascimento pode ser compreendido como um ponto de reencontro para a educação, um horizonte a ser revivido, que representa a aposta no humano, na beleza, na linguagem e na imaginação como modos essenciais de compreender e transformar o mundo.

O Renascimento, ao unir arte e ciência, também nos inspira a repensar a fragmentação do conhecimento atual. A relação entre artistas e cientistas renascentistas, como Galileo Galilei e Lodovico Cardi, exemplifica a possibilidade de integração entre diferentes saberes, uma lição valiosa para a educação interdisciplinar contemporânea (Silva, 2016).

Como obra inacabada e viva, talvez seja exatamente isso que a escola contemporânea mais necessite: renascer como arte em processo, que aceita ensaios e rabiscos, com a luz dos ideais e a tinta da esperança. Embora a institucionalização da escola tenha assumido formatos distintos, essa perspectiva poética-crítica nos desafia a repensar o cotidiano escolar à luz dos valores que não colocam o ser-humano no centro, mas o coloca como agente responsável por transformações.

A estética, enquanto potência educativa, abre caminhos para transformações. Segundo Pillotto (2023), ela é compreendida em sentido amplo, abrangendo não apenas as artes, mas também produções humanas, experiências sensíveis da natureza e vivências cotidianas; todas capazes de ressignificar nosso modo de sentir e existir no mundo.

A educação atual, muitas vezes marcada por um ensino tecnicista e memorístico, pode encontrar na arte uma via crítica para ampliar a experiência escolar. Sem negar a importância de conteúdos contemporâneos no currículo, não podemos ignorar a contribuição ímpar do ensino de Artes na fruição e sensibilidade humana. Não no sentido de fragilidade, mas, de percepção ao contexto que vivemos, conectando o racional ao intuitivo no que a escola tem de maior: a capacidade de explorar o potencial de criatividade e criação dos discentes.

Em pesquisa desenvolvida por Domingues (2020), a autora destaca que a técnica da perspectiva renascentista não só revolucionou a representação visual, mas também estruturou formas de visualidade que influenciam o modo como vemos o mundo e educamos o olhar. Essa técnica, ao promover uma pedagogia do olhar, estimula o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção crítica, elementos essenciais para uma educação estética emancipadora. Nesse sentido, a pedagogia da complexidade, que valoriza o conflito, a contradição e o erro como partes do processo educativo, dialoga com os ideais renascentistas de aprendizagem por meio da investigação e da contemplação (Morin, 2008). Assim, promover aulas de arte que explorem a técnica da perspectiva linear, mesmo para iniciantes, é um passo fundamental para ampliar a percepção visual dos estudantes,

permitindo-lhes reconhecer as artes como um campo de conhecimento científico e sensível, conforme apontam pesquisas na área da educação estética (Pillotto; Strapazzon, 2023).

Vale pontuar que, a crítica que este artigo apresenta ao modelo de ensino tecnicista não significa em negar a técnica. Tal crítica reside em conceber a aula como espaço de passividade, onde o aluno é “bombardeado” por conceitos para um único fim: responder listas de exercício. Nos processos criativos escolares, a técnica deve ser vista como ferramenta para despertar novos olhares, tanto sobre o mundo quanto sobre as próprias criações dos estudantes, e não sob a noção de habilidade: aplicar incessantemente para fixar.

A reflexão sobre a educação estética nos leva a questionar o lugar da arte e da estética no cenário educacional contemporâneo. No Brasil, observamos recentemente a ascensão de políticas educacionais baseadas em perspectivas militarizadas, mercantis e moralizantes da formação. No entanto, em contraponto, testemunhamos o surgimento de movimentos de resistência impulsionados pelas artes, por coletivos e por práticas criadoras, que desafiam as estruturas vigentes e renovam os significados da arte e da vida, impulsionando mudanças sociais e subjetivas (Magiolino; Silva; Maheirie, 2024). No início do século XX, Vigotski já destacava a necessidade de uma educação estética menos mecanizada e menos focada na assimilação de conteúdos pedagógicos instrumentalizados, especialmente aqueles com forte viés moralizante (Vigotski, 2022; 1999). Ele propunha uma abordagem que não se limitasse a reações automáticas, mas que privilegiasse uma ação (contem)plativa, aberta ao inesperado, ao que é despertado, por exemplo, pela experiência diante de uma obra de arte.

Em tempos de metodização acelerada, a educação deve (re)nascer valorizando a contemplação, a lentidão e a sensibilidade. Em outras palavras, uma educação que privilegia o processo. Ítalo Calvino (1990) já apontava a necessidade de cultivar a leveza sem superficialidade, a visibilidade sem ostentação e a exatidão sem rigidez, princípios que ecoam os valores renascentistas e que podem iluminar práticas pedagógicas mais humanas e estéticas.

Não se trata de um retorno ao passado, na exaltação do humano, mas, de um diálogo fecundo com os legados renascentistas, ressignificando-os para os contextos contemporâneos. Os mestres daquela época pintaram, esculpiram e escreveram para a liberdade do pensamento e da criação. Um convite para que a escola de hoje reencontre sua vocação estética, crítica e emancipadora.

Composições Finais

Esta trama, de fios entrelaçados entre os tempos da arte renascentista e os compassos do cotidiano escolar contemporâneo buscou mais do que comparar contextos históricos ou criar genealogias formais, procurou instigar uma experiência estética e existencial a partir da escuta renovada da educação. Viajamos ao passado à procura de ecos, como educadores à procura de novas maneiras de ver, sentir e criar novas práticas pedagógicas. Nessa viagem, percebemos que a arte renascentista coloca o ser humano no cerne da criação como medida ética e poética do mundo.

No Renascimento, a educação se preocupava com o exercitar a sensibilidade, a expansão da consciência, a formar o olhar, gestos raros em nossos dias são tão necessários que carecem de ser recuperados como ressignificação crítica. Sevcenko, o autor selecionado para colaborar com as nossas reflexões, nos ajudou a entender que o Renascimento foi um período antagônico, de sombra e luz, disputa e utopia, tensão e promessa. Apesar de toda coação por resultados, ainda há oportunidades para a arte de “vi-ver” nos pequenos rituais de afeto, nos olhares cruzados, nas entrelinhas do currículo, nos silêncios compartilhados.

Como obra inacabada, a escola precisa de pessoas como pintores renascentistas que saibam lapidar o tempo com presença e escuta, saibam conjugar técnica e alma, improvisado e estrutura, forma e conteúdo, e, sobretudo, esculpir o invisível que pode vir a ser.

Algumas atitudes e ações como cultivar práticas pedagógicas que valorizem o criativo, o simbólico, o sensível, reconhecer o outro como mistério e não como déficit, o erro como parte do aprendizado, o corpo como linguagem, o saber como experiência não é repetir o passado, é resgatar o ideal renascentista afirmando que a educação necessita recuperar sua real tendência formadora de universo.

Finalizando, reitera-se que a arte renascentista oferece oportunidades para rever a formação, induzindo a escola como espaço de produção de sentidos, pois ela terá de posicionar e ser também um ato poético de confiança no homem, um exercício cotidiano de imaginação, de compor e habitar mundos possíveis ancorados na pluralidade das existências, porque educar como criar, é um gesto de esperança, capacidade de enxergar uma luz no fundo do túnel... ou, talvez, pistas de uma educação mais bela e sensível.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; ROCHA, Maria Luiza (Orgs.). *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortês, 2002.

BIESTA, Gert. *Good Education in an Age of Measurement: Ethics, Politics, Democracy*. Routledge, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v.1).

BRAGA, Maria Lucia. *A estética como educação dos sentidos*. In: Educação estética: a pesquisa / experiência nos territórios das sensibilidades: volume 2/ organizadoras: Silvia Sell Duarte Pillotto; Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon. – Joinville, SC: Editora Univille, 2023.

BURKE, Peter. *O Renascimento Italiano: Cultura e Sociedade na Itália*. Nova York: Harper & Row, 1986.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. Tradução e notas de Aristides Lobo. Os Pensadores. Ed. Abril, São Paulo, 1974[1602].

DAMÁSIO, Antonio. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010[1934].

DUARTE JR., João-Francisco. *O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.

DOMINGUES, Ana Carolina. A perspectiva renascentista: a educação dos modos de ver entre o real e o produzido. *Cadernos da Pedagogia* (UFSCAR. ONLINE), v. 14, p. 51-59, 2020.

FELIPE, Sônia Teresinha. *O Conceito de Utopia na proposta Paulofreireana*. Porto Alegre, 1979. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/23744/21311>. Acesso em 03 de abril de 2025.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

- FONTES, Igor Ferreira. Uma crítica ao humanismo: revisão do pensamento antropocêntrico. *O Mangueral*, v. 1, n. 1, p. 61-70, 2017.
- GARIN, Eugenio. *A Educação no Renascimento*. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A História da Arte*. 16. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GREENE, Maxine. *Releasing the Imagination: Essays on Education, the Arts, and Social Change*. Jossey-Bass, 1995.
- KEMP, Martin. *Leonardo da Vinci: As Maravilhas da Natureza e do Homem*. Tradução: Paula Szabo. São Paulo: Editora UNESP, 2022.
- LATOUR, Bruno. *We Have Never Been Modern*. Harvard University Press, 2014.
- MAGIOLINO, Lavinia Lopes Salomão; SILVA, Daniele Nunes Henrique; MAHEIRIE, Kátia. Educação estética. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 44, n. 124, p.263-267, 2024.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017[1516].
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação no Renascimento*. Vide Editorial: Kirion, 2006.
- PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZO, Mirtes Antunes Locatelli. *Educação estética: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades*. Joinville, SC: Editora Univille, v. 2, 2023.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001[1943].
- RICOEUR, Paul. *Interpretation Theory: Discourse and the Surplus of Meaning*. Texas Christian University Press, 1990.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*. Companhia das Letras, 2001.
- SILVA, Josie Agatha Parrilha. O renascimento da relação entre a arte e a ciência: discussões e possibilidades a partir do Codex entre Galileo e Cigoli no século XVII. *Visualidades*, Goiânia, v. 14, n. 2, 2017.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VANTI, Elisa dos Santos; PLASZEWSKI, Helenara. *Ateliê de Pedagogias da Primeira Infância: Diálogos com Montessori, Pikler e Goldschmied*. In: VI Conferência Internacional de Filosofia da Educação e Pedagogia Crítica, 2024, Porto Alegre / RS. Anais da VI Conferência Internacional de Filosofia da Educação e Pedagogia Crítica. Porto Alegre / RS: ediPUCRS, v. 1. p. 1-13, 2024.
- VIGOTSKI, Liev Semionovitch. *Liev S. Vigotski: escritos sobre arte*. Bauru: Mireveja, 2022.
- VIGOTSKI, Liev Semionovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.